

NOTAS DE LEITURA

ALGUMAS PALAVRAS E CRITÉRIOS DA EDIÇÃO

Mário de Alencar, que foi íntimo amigo de Machado de Assis (na medida em que a discrição machadiana o permitia), foi o responsável, nos anos que se seguiram à morte do escritor, pela publicação de textos inéditos – como as “Notas de leitura de Machado de Assis” – e pela compilação de diversos textos do escritor, nos volumes *Crítica* (1910?), *Teatro* (1910) e *A semana* (1914?) – seleção de crônicas da última grande série publicada por Machado de Assis.

Sobre as notas de leitura, afirma Mário de Alencar que eram muitas, mas que o escritor já havia rasgado ou perdido grande parte delas. Esses apontamentos eram registros feitos por Machado de Assis, quando lia os clássicos da língua portuguesa – em obras tomadas de empréstimo, segundo Mário de Alencar, ao Real Gabinete Português de Leitura. Salvaram-se poucas dessas anotações, que foram transcritas e publicadas por Mário de Alencar no primeiro e no segundo volumes da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, em 1910 (o primeiro) e 1911 (o segundo).

O conjunto das notas publicado no primeiro volume da *Revista*, que vem neste número da *Machadiana Eletrônica*, abrange obras dos seguintes autores:

1. padre Manuel Bernardes;
2. Bernardim Ribeiro;
3. frei Amador Arrais;
4. dom Francisco Manuel de Melo; e
5. João de Barros.

Do padre Manuel Bernardes, há anotações tomadas às seguintes obras:

1. *Últimos fins do homem, salvação, e condenação eterna*. Tratado espiritual, dividido em dous livros.

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, da seguinte forma: *Ult. fins*. Nas anotações subsequentes dessa mesma obra, ele a registrou assim: *Id.* ou *Id.* A edição que consultamos, para confronto de versões, foi a de 1761, da qual há um exemplar no Real Gabinete Português de Leitura. É provável que esta tenha sido a edição lida por Machado de Assis.

2. *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus*. Esse título do padre Manuel Bernardes inclui vários tratados. Das duas passagens transcritas por Machado de Assis, uma pertence ao tratado “As armas da castidade” [“Tratado da virtude da castidade”]; a outra pertence às “Meditações sobre os quatro Novíssimos. Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.”

Machado de Assis registrou as transcrições pelo título geral da obra – na primeira passagem, indica o título assim: *Pão part. em peq.*; na segunda, assim: *Id.* A edição que consultamos é de 1737 e, certamente, não foi a utilizada por Machado de Assis, pois a paginação não coincide com a registrada por ele.

3. *Sermões e práticas*. Essa obra tem dois volumes.

Machado de Assis a registrou, abreviadamente, das seguintes formas: *Serm. 2º*; *S. e p.*; *Id.*; *Serm. e pr.*; *Id., 2º*. Em algumas notas, Machado indica o volume, em outras não; e, às vezes, indica o sermão ou a prática, acompanhado ou não do título abreviado da obra – por exemplo: *Pratic. do Arcanjo S. Miguel*; *Serm. e pr. – Juizo universal*; *Id., j. universal*; *Prat. do Dom., 3º dep. da Petencostes (sic)*.

4. *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*.

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, das seguintes formas: *Estim. prat.*; *Est. prat.* e *Estim. prat.*

5. *Luz e calor*. Obra em duas partes: Luz (primeira parte) e Calor (segunda parte).

Machado de Assis registrou essa obra das seguintes formas: L. e C.; *Luz e Calor*; Id. e Id.

De Bernardim Ribeiro, há uma anotação apenas, tomada à seguinte obra:

1. *Menina e moça*.

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, da seguinte forma: *Men. e moça*.

Muito provavelmente, Machado de Assis leu a edição de 1785, que existe no Real Gabinete Português de Leitura e que traz entre parênteses parte do trecho copiado por ele – trecho que vem entre vírgulas em outras edições. Se for verdadeira essa presunção, houve algum equívoco no registro (*Men. e moça*, I^a, p. II.), porque a passagem encontra-se no livro I^o (não na “parte I^a”), no capítulo II (não na página 11, mas na p. 7 – as páginas, nesta edição, são numeradas com algarismos arábicos). O livro segundo começa na p. 105. Há uma outra edição no Real Gabinete Português de Leitura, de 1852, à qual não tivemos acesso. A edição que consultamos (a de 1785 – seguramente derivada da edição de Évora, 1557) começa assim: “Menina, e moça me levaram de casa de meu pai para longes terras: [...]” Machado de Assis empregou, em suas obras, diversas vezes, a expressão “longes terras”. Exemplos: crônica de 17 de outubro de 1864, da série “Ao acaso”, no *Diário do Rio de Janeiro*; “Estâncias a Ema”, tradução de Alexandre Dumas Filho, incluída em *Falenas* (1870); “Gazeta de Holanda”, de 20 de janeiro de 1887, na *Gazeta de Notícias*; crônica de 14 de julho de 1895, da série “A semana”, na *Gazeta de Notícias*. A edição de Ferrara (1554) traz também entre parênteses o trecho que acima mencionamos; porém, esta edição começa assim: “Menina e moça me levaram de casa de minha mãe para muito longe, [...]” A edição de Colônia (1559) é cópia da de Ferrara.

De frei Amador Arrais, há anotações tomadas à seguinte obra:

1. *Diálogos*.

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, das seguintes formas: Dial.; *Id.* e Id. – sempre seguida do número do diálogo e/ou da página: o primeiro indicado por algarismo romano (precedido ou não por Dial. ou substituído por id.), o segundo indicado por algarismo arábico. Às vezes há, também, indicação do número do capítulo (com algarismo romano).

Muito provavelmente, Machado de Assis leu a edição de 1846, que ele tinha em sua biblioteca e que existe no Real Gabinete Português de Leitura, e traz as passagens transcritas por ele justamente nas páginas que indicou.

De dom Francisco Manuel de Melo, há anotações tomadas à seguinte obra:

1. *Carta de guia de casados*.

Machado de Assis registrou essa obra das seguintes formas: *Carta de guia de casados* e Id.

A edição que utilizamos para consulta foi a de 1873, preparada por Camilo Castelo Branco. Não localizamos a possível fonte de Machado de Assis.

De João de Barros, há anotações tomadas às seguintes obras:

1. *Década primeira da Ásia*.

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, das seguintes formas, omitindo o título (mas indicando o número da *Década*): – 1 – 3 – 2.; – 1 – 3 – 11.; – 1 – 7º – 2º; – 1 – 9 – 4.; Dec., Prologo (neste caso, não indicou o número da *Década*; todas as três décadas que tiveram trechos transcritos trazem prólogo).

Os números indicam, respectivamente, a *Década*, o livro e o capítulo.

2. *Década segunda da Ásia.*

Machado de Assis registra esta obra, abreviadamente, das seguintes formas, omitindo, na maioria das vezes, o título: – 2 – 5 – 2.; – 2 – 9 – 2.; – 2 – 8 – 5.; – 2 – 8 – 2.; – 2 – 5 – 1.; – 2 – 4 – 1.; Dec. 2 – 10 – 8.

3. *Década terceira da Ásia.*

Machado de Assis registra esta obra, abreviadamente, das seguintes formas: *Dec.*, III, VII, IX.; *Id.* III, III, VII.; *Dec.* III-VI, IX.; *Id.* III – VII, IV.; *Id.* III, VII, Cap. I.; *Id.*, III, X, X.; *Id.* III, V, X.; *Id.* III, prolog.; *Id.* III, V, I.; *Dec.* III, IV, VII.

4. *Panegíricos.*

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, das seguintes formas: *Panej.*, ou com a indicação do panegírico, como em *Panej. D. João III e Id.* Em algumas anotações, ele registrou não a obra *Panegíricos*, mas o panegírico que contém o trecho transcrito: *D. João III; Id.; João III e Id.; D. Maria e Id.*

As anotações, por seu caráter informal, destinadas a uso pessoal pelo próprio autor delas, seguramente foram feitas em momentos diversos (de leitura), sem uniformidade no registro das indicações bibliográficas, e, evidentemente, sem o rigor de uma obra acabada. Os manuscritos, que desconhecemos, supomos que não tivessem uma caligrafia muito cuidada – já que as anotações se destinavam apenas àquele que as registrou. Não sabemos se Mário de Alencar transcreveu à mão as notas machadianas ou se enviou ao prelo os manuscritos do escritor. O fato é que o texto publicado na *Revista da Academia Brasileira de Letras* (v. I, jul. 1910) – que vem neste número da *Machadiana Eletrônica* – apresenta falhas (erros) que não podemos atribuir ao autor (muitas delas têm o aspecto de erro tipográfico, de leitura equivocada do manuscrito, etc.). Diante disso, adotamos, na edição aqui apresentada, os seguintes critérios:

1. Atualizamos a ortografia dos textos – tanto o de Mário de Alencar, que também transcrevemos, como o das notas de Machado de Assis. Respeitamos, entretanto, o emprego de iniciais maiúsculas e a pontuação (exceto nas indicações

bibliográficas, que procuramos uniformizar). Eventuais intervenções ficaram anotadas no rodapé e, em alguns casos, foram comentadas.

2. Nas abreviaturas empregadas nas indicações bibliográficas, cuja forma respeitamos, adotamos a acentuação gráfica. A abreviatura *Id.*, frequentemente empregada ao longo das notas, nem sempre vem em itálico – uniformizamos a italicização (e registramos no rodapé). Adotamos o itálico para os títulos de obras (que às vezes vêm em redondo), separamos por vírgula (quando ela não existe na RABL) o título da obra das indicações que vêm depois dele: indicações de partes, livros, capítulos ou páginas.
3. As indicações bibliográficas, registradas de forma abreviada por Machado de Assis, foram estendidas no rodapé; e ficaram registradas as edições que consultamos (com as indicações de partes, livros, tratados, capítulos, fólhos ou páginas).
4. Nas indicações numéricas, quando feitas em algarismos arábicos em RABL, o número 1 vem grafado com a letra “i” em versalete – “I”. Transcrevemos os algarismos utilizando o numeral arábico “1”.
5. Quando, nas notas machadianas, havia variantes breves (em relação ao texto da obra que consultamos), em número reduzido, registramos isoladamente os fatos em rodapé.
6. Quando as variantes eram numerosas ou abrangiam aspectos diversos do texto, transcrevemos no rodapé o texto, conforme vem na edição que consultamos.
7. Quando Machado de Assis suprimiu trechos (o que ele indicava por reticências), registramos o texto completo, com a parte suprimida entre colchetes.
8. A transcrição dos textos das fontes que consultamos (para confronto) foi feita com atualização da ortografia, com conservação de vocábulos antigos ainda registrados no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* ou em dicionários atuais, e, ainda, um ou outro vocábulo em forma antiga (geralmente objeto de comentário logo em seguida ao trecho).
9. Eventuais comentários ao texto ou às variantes foram registrados depois das informações objetivas relativas a cada tópico.

Muitas das variantes existentes nas “Notas de leitura de Machado de Assis” publicadas na *Revista da Academia Brasileira de Letras* em 1910 seguramente não foram produzidas pelo autor das anotações. Entretanto, não podemos saber, sem o exame do manuscrito autógrafo, se tais variantes provêm dele, se da transcrição enviada à tipografia (terá sido o manuscrito autógrafo enviado, ele mesmo, à tipografia?), ou se teriam origem na tipografia que imprimiu a *Revista*.

Registre-se, por fim, que, embora Mário de Alencar afirme que o manuscrito pertence à Academia Brasileira de Letras, J. Galante de Sousa, na seção de manuscritos de sua *Bibliografia de Machado de Assis*, não o registra. Tampouco há informações sobre ele no *site* da Academia. Teria o manuscrito sido enviado à gráfica e, de lá, desaparecido?

Gilson Santos
José Américo Miranda

NOTAS DE LEITURA *

Machado de Assis foi aluno assíduo dos escritores da língua portuguesa, mas ao tempo em que primeiro os estudou, faltando-lhe meios para comprá-los, lia-os de empréstimo, como assinante do Gabinete Português de Leitura. Anotava então em pequenas folhas avulsas o que ia achando interessante, em matéria de estilo e de língua, sob o ponto de vista da dicção ou gramática. Ouvi-lhe uma vez que eram muitas essas notas, mas que em grande parte as tinha já rasgado ou perdido, e igual destino haviam de ter as restantes. Salvaram-se felizmente algumas, que hoje pertencem à Academia Brasileira, doadas com outros manuscritos do escritor, pela herdeira dele. São as que começam a ser aqui publicadas, nesta parte da Revista, onde têm cabimento, pela sua natureza. De melhor maneira não se poderia inaugurar a seção de lexicografia; e do exemplo do mestre e do seu cuidado e diligência no estudo da língua portuguesa, confio que virá incentivo para os seus confrades e discípulos, a segui-lo nesse labor paciente, e a contribuírem com as suas proveitosas pesquisas para os trabalhos preparatórios do futuro dicionário que à Academia Brasileira incumbe fazer, e ela há de fazer.

MÁRIO DE ALENCAR

* Estas “Notas de leitura” de Machado de Assis, deixadas manuscritas pelo autor, foram publicadas na *Revista da Academia Brasileira de Letras (RABL)*, v. I, p. 137-145, jul. 1910, transcritas por Mário de Alencar, na seção “Lexicografia”, com o título “Notas de leitura de Machado de Assis”. O volume de janeiro de 1911 de RABL traz uma segunda parte dessas anotações. Raimundo Magalhães Júnior, com pequenas variantes de redação, as transcreveu em sua obra *Ao redor de Machado de Assis* (1958, p. 267-278). Nesta edição, optamos por transcrever, também, a nota inicial de Mário de Alencar. A lista das abreviaturas aqui empregadas encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

P^o M. BERNARDES.

– Bem arbitrado estava,¹ porque desde que Eva se pôs a conversar com a serpente parece que se pegou um não sei quê de serpente a todo este sexo. – *Últ. fins*, 97.²

– *Emprestadas* – ... de frases esquisitas e palavras emprestadas da língua latina.³
– *Id.*⁴

– *Muchacho* – Vejo, disse o muchacho⁵ – *Id.*, 154.⁶

– A nau para fazer viagem há de ter lastro e há de ter velas. Tudo lastro, ir-se-á ao fundo; tudo velas, correrá tormenta. Também a alma faz sua viagem neste mundo, porque também o mundo é mar... *Id.*, 114.⁷

– ... recolham das flores quantidade do orvalho da madrugada, e com este suor da aurora. – *Id.*, 66.⁸

– Levantou-se em todo o auditório um confuso murmurinho, como as folhas de um arvoredo se inquieta com o vento⁹ – *Id.*, 368.¹⁰ (*Imagem semelhante se encontra em Homero e Camões – N. de M. de A.*)

– Que atado tinha o entendimento aquela religiosa, aqui nesta cidade de Lisboa, quando toda uma manhã inteira esteve por obediência... *Id.*, 166.¹¹

¹ esteve; – em UF.

² *Últ. fins*, 97. *Os últimos fins do homem*, livro I, capítulo VII, 1761, p. 97. Muito provavelmente, foi esta a edição lida por Machado de Assis; ela existe no Real Gabinete Português de Leitura, e a página registrada na nota confere com a do exemplar (de 1761) que consultamos.

³ [...] de frases esquisitas, e palavras emprestadas das línguas Latina, e Grega – em UF, p. 343.

⁴ *Id.* *Os últimos fins do homem*, livro II, discurso II, 1761, p. 343.

⁵ Vejo (disse o muchacho) – em UF, p. 154. Raimundo Magalhães Júnior observou que a palavra “muchacho” “foi utilizada por Machado de Assis em ‘O Almada’, canto III”. Na edição de 1910 (em *Outras relíquias*), encontramos, na parte VI do mencionado canto: “Abalada a cidade quase tanto / Como nos dias de solene festa / Da grande aclamação, de que ainda falam / Com saudade os muchachos de outro tempo, / Varões agora de medida e peso, / Todo o povo deixara as casas suas.” (ASSIS, 1910, p. 127)

⁶ *Id.* 154. – em RABL. *Os últimos fins do homem*, livro I, capítulo X, 1761, p. 154.

⁷ *Id.* 114. – em RABL. *Os últimos fins do homem*, livro I, capítulo IX, 1761, p. 114.

⁸ *Id.*, 66. *Os últimos fins do homem*, livro I, capítulo VI, 1761, p. 66.

⁹ Levantou-se em todo o auditório um confuso murmurinho, como as folhas de um arvoredo se inquietam com o vento.” – em UF, p. 368. Em RABL, depois de “murmurinho” vem ponto (no lugar da vírgula).

¹⁰ *Id.* 368. – em RABL. *Os últimos fins do homem*, livro II, discurso II, 1761, p. 368.

¹¹ *Id.* 166. – em RABL. Nessa publicação há um asterisco nesta anotação, na margem esquerda, no início do espaço indicador de parágrafo, antes do travessão. Não encontramos explicação para o asterisco, razão pela qual o suprimimos.

– ... e diziam: Praça, praça, que vem uma pessoa principal, façam lugar, que vem... *Pão part. em peq.*, 393, fim.¹²

– Este mundo não é pátria nossa, é desterro; não é morada, é estalagem; não é porto, é mar, por onde navegamos. Vivemos de empréstimo. – *Id.*, 93.¹³

– *A caso* –¹⁴ Oh! não cuidem os filhos de Adão, que desde que ele pecou tão de propósito, morre alguém a caso. Não são acasos as mortes inesperadas.¹⁵ – *Serm.*, 2º, 95.¹⁶

– *Guardar silêncio* – Fiz sinal às nossas¹⁷ virgens para que guardassem silêncio, etc. *Estím. prá.*, 203.¹⁸

– O cantarem na missa entre a palavra evangélica e sacrossanta mistérios, modilhas e sarabandas próprias de comédia¹⁹ – *Est. prá.*, 143.²⁰

– Tão pouco²¹ os que amam as honras e aplausos, as riquezas e prosperidades, porque tudo isso são bênçãos da fortuna – *Serm.*, 2º, 248.²²

– ... deve a caridade estar sempre ao leme; devem encher o pano os alentos da esperança – *Serm.*, 2º, 107.²³

– Por este exemplar²⁴ é bem que os confessores, os missionários, os pregadores, e os mestres de espírito reconheçam a sua obrigação e estimem o seu ofício – *Serm.*, 2º, 56.²⁵

¹² *Pão part. em peq.* 393, fim. Machado de Assis atribui a passagem ao tratado “Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus”. Essa obra costuma vir impressa com outros tratados do mesmo autor. Encontramos a passagem no “Tratado da virtude da castidade [In: Armas da castidade]” (TVC). Machado de Assis citou a obra pelo título do primeiro tratado, que vem em destaque na página de rosto do volume. A edição que consultamos é de 1737, e a passagem transcrita vem à p. 426.

¹³ Como no caso da nota anterior, Machado de Assis citou a obra pelo título do primeiro tratado. Localizamos esta passagem em “Meditações sobre os quatro Novíssimos. Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.” (MQN) A edição que utilizamos é de 1726; nela, a passagem vem à p. 140.

¹⁴ A caso. – em RABL. Esta expressão – “A caso.” – foi utilizada por Machado de Assis como “lema”, como ele fez com “*Muchacho*”, um pouco acima. Por esse motivo, adotamos aqui o itálico, como naquele outro caso.

¹⁵ Oh não cuidem os filhos de Adão, que, desde que ele pecou tão de propósito, morre alguém a caso. Não são a casos as mortes inesperadas: – em SP (2ª parte, p. 95) No trecho, tal como se encontra na transcrição publicada na RABL, há uma oposição ortográfica entre “a caso” e “acasos”. Essa oposição não existe em SP.

¹⁶ *Serm.* 2º, 95. – em RABL. *Sermões e práticas*, Sermão da cinza, segunda parte, 1733, p. 95.

¹⁷ vossas – em EP, p. 203.

¹⁸ *Estím. prá.* 203. – em RABL. *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730, p. 203. Esta edição desta obra existe no Real Gabinete Português de Leitura.

¹⁹ O cantarem na Missa entre a Palavra Evangélica, e Sacrossantos mistérios, modilhas, e sarabandas próprias da Comédia. – em EP, p. 143.

²⁰ *Est. prá.*, 143. *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730, p. 143.

²¹ Tão pouco – entenda-se: tampouco (muito menos).

²² *Serm.* 2º, 248. – em RABL. *Sermões e práticas*, segunda parte, Prática da invenção da S. Cruz, 1733, p. 248.

²³ *Serm.* 2º, 107. *Sermões e práticas*, segunda parte, Sermão da cinza, 1733, p. 107.

²⁴ Exemplar – entenda-se: que pode servir de modelo [refere-se o sermão a s. Francisco de Sales].

²⁵ *Serm.* 2º, 56. *Sermões e práticas*, segunda parte, Sermão do glorioso S. Francisco de Sales, 1733, p. 56.

– ... no meio de uma quietação e silêncio mui alto – *L. e C.*, I, 123.²⁶

– ... pregadores sem conto, mas conversões mui contadas: muito luzir nas cadeiras e nas cortes, pouco alumiar nas missões e confessionários: tudo é aguçar e limar as facas²⁷ e espadas dos entendimentos, e não aparecem operários na seara, nem soldados na campanha – *Luz e Calor*, I, 80.²⁸

– porque as rodas da imperial e invisível carroça de vossa providência, pisam etc. – *Id.*, II, 562.²⁹

– Quando ouço os outros, quero ir adiante³⁰ e adivinhando; quando os outros me ouvem quero-os atentos e pendurados. A história nova, o conceito bem achado, a erudição noticiosa, ferverem-me no peito por se comunicar; e se entristece a natureza, se a achou já sabida de outros – *Luz e Calor*, II, 541.³¹

– Que nos lembra essa grande criatura do oceano, senão o mundo, inchado pela soberba, lívido pela inveja, férvido pela ira, vário pela inconstância, e tragador pelos desastres da perdição eterna?³² – *Id.*, II, 555.³³

– A rosa desatando do nó verde sua rubicunda pompa, amanhece dizendo-me: Oh! como, etc. – *Id.*, II, 553.³⁴

– ... a mais primorosa pintura, primeiro foi poucas linhas de um informe debuxo, e as flores, que na árvore não pareciam mais que uns suspiros, ou desejos de se comunicar vieram a produzir frutas abundantes e consumadas.³⁵ – *Id.*, II, 53.³⁶

²⁶ *L. e C.* I, 123. – em RABL. *Luz e calor*, parte I, p. 123. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se na p. 93.

²⁷ fources – em LC, edição de 1871, p. 60.

²⁸ *Luz e Calor* – I, 80. – em RABL. *Luz e calor*, parte I, p. 80. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se na p. 60.

²⁹ *Id.* II, 562. – em RABL. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se na p. 427.

³⁰ diante, – em LC, edição de 1871, p. 411.

³¹ *Luz e Calor*. II, 541. – em RABL. *Luz e calor*, parte II, p. 541. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se na p. 411.

³² Que nos lembra esta grande criatura do Oceano, senão o mundo, inchado pela soberba, lívido pela inveja, férvido pela ira, vário pela inconstância, e tragador de naufragos pelos desastres da perdição eterna? – em LC, edição de 1871, p. 421-422. Por “esta grande criatura do Oceano” entenda-se o próprio oceano.

³³ *Id.*, II, 555. *Luz e calor*, parte II, p. 555. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se nas páginas 421-422.

³⁴ *Id.*, II, 553. *Luz e calor*, parte II, p. 553. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se na p. 420.

³⁵ frutos abundantes, e consumados. – em LC, edição de 1871, p. 407.

³⁶ *Id.*, II, 53. *Luz e calor*, parte II, p. 53. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se na p. 407.

– Andar com o peito desabrochado. – *Id.*, II, 250.³⁷

– Quem sabe o A do amor e Z do zelo, sabido tem o abecedário de todas as nações.³⁸ – *Estím. prá.*, 10, *in fine*.³⁹

– Os trajes pouco honestos que estão peitando os olhos para que atendam, e fazendo à alma vendável o seu pecado, eis aí um espinho que lastima a flor da castidade. Os livros obscenos e vãos, que não sei como no princípio trazem licença para se imprimir, e mais se imprimem na alma para escurecer, do que na oficina para sair à luz, eis aí outro espinho e outro escândalo.⁴⁰ – *Prátic. do Arcanjo S. Miguel*, (431).⁴¹

– Então admirados os réprobos da salvação dos justos, tendo já sobre os olhos a sentença da sua condenação, entendendo a consideração pela eternidade da sua miséria, gemendo com grande angústia do seu espírito, romperão naquele pranto lastimoso, que santos mil antes lhes estavam no livro da sabedoria prognosticando.⁴² – *Serm. e pr.*, 186 – Juízo universal.⁴³

– Vocabulário novo e contudo já muito usado. Ele é furto, chamam-lhe arrear; ele é vingança, chamam-lhe acudir pela honra; ele é.... chamam-lhe conversar discreto.⁴⁴ – *Id.*, 2º, 377.⁴⁵

– Rasgam-se as cataratas do céu, abrem-se as fontes do abismo, e soçobram as enchentes os mais altos montes, tudo perece. Pombinha solitária, que saístes a descobrir terra, que é o que vedes? Mudou de rosto a natureza; tudo está submergido debaixo de um mar sem praias... Vira que o sol também morre, que as estrelas também caem, que as gentes perecem, como as idades e as idades como as flores. Vira como a sucessão das

³⁷ *Id.*, II, 250. *Luz e calor*, parte II, p. 250. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se na p. 265.

³⁸ Quem sabe o A do amor, e o Z do zelo, sabido tem o Abecedário inteiro de todas as Nações[.] – em EP, p. 10.

³⁹ *Estím. prá.*, 10, *in fine*. – em RABL. *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730, p. 10. A citação encontra-se nas duas últimas linhas da página indicada.

⁴⁰ Os trajes pouco honestos, que estão peitando os olhos para que atendam, e fazendo à alma vendável o seu pecado: eis aí um espinho que lastima a flor da castidade. Os livros obscenos, e vãos, que não sei como no princípio trazem licença para se imprimir, e mais se imprimem na alma para a escurecer, do que na oficina para saírem à luz: eis aí outro espinho, e outro escândalo. – em SP, primeira parte, p. 431.

⁴¹ *Prátic. do Arcanjo S. Miguel*, (431). – em RABL. *Sermões e práticas*, primeira parte, Prática em dia do Arcanjo S. Miguel, 1711, p. 431.

⁴² Então admirados os réprobos da salvação dos justos, tendo já sobre os olhos a sentença de sua condenação, entendendo a consideração pela eternidade de sua miséria, gemendo com grande angústia do seu espírito romperão naquele pranto lastimoso, que tantos mil anos antes lhes estava no livro da Sabedoria pronosticado. – em SP, primeira parte, p. 186.

⁴³ *Serm. e pr.*, 186 – *Juízo universal*. – em RABL. *Sermões e práticas*, primeira parte, Prática do Juízo Universal na primeira domingo do Advento, 1711, p. 186.

⁴⁴ ele é [murmurar,] chamam-lhe conversar discreto. – em SP, segunda parte, p. 377.

⁴⁵ *Id.*, 2º, 377. *Sermões e práticas*, segunda parte, 1733, p. 377.

gerações não é mais que um desejo baldado de imortalidade, e um despojo certo da morte.⁴⁶ – *Id.*, 2º, 87.⁴⁷

– Chamara-o⁴⁸ para governar homens, que é a arte das artes. – *Id.*, 2º, 427.⁴⁹

– ... aqui estão à mesa rindo e fartando-se, acolá estão no leito *gemendo o que riram*, e sangrando-se do que comeram. – *S. e p.*, 202.⁵⁰

– Os quais (condenados) entretanto⁵¹ se amaldiçoarão a si, e a Cristo, e a sua mãe santíssima, e a seus santos; e logo cingindo-os à roda o fogo que acabou de purificar o mundo, e ajuntando-se no mesmo lugar das ruínas, as cinzas, imundícies, homens, e demônios com o Anticristo, e Lúcifer, alargará o inferno a sua garganta,⁵² e tragará tudo de um sorvo. E logo a terra se tornará a fechar com um grandíssimo estampido, para se não abrir jamais enquanto Deus for Deus. – *Id.*, 871, J. universal.⁵³

– De todos quantos homens houve, e há de haver no mundo, um só foi impecável que é Cristo, e todos os mais são pecadores, que somos nós. – *Prát. do Dom.*, 3º dep. do Pentecostes, 53.⁵⁴

BERNARDIM RIBEIRO.

– *Deus me é testemunha* – ... me recolhia para minha casa (onde Deus me é testemunha de como as noites dormia).⁵⁵ *Men. e moça*, 1ª, p. 11.⁵⁶

⁴⁶ Rasgam-se as cataratas do Céu, abrem-se as fontes do abismo, e soçobram as enchentes os mais altos montes: tudo perece. Pombinha solitária, que saístes a descobrir terra: que é o que vedes? Mudou de rosto a natureza: tudo está submergido debaixo de um mar sem praias. [...] Vira que o Sol também morre: que as estrelas também caem: que os gostos passam, como as idades, e a idade como as flores. Vira como a sucessão das gerações não é mais, que um desejo baldado da imortalidade, e um despojo certo da morte. – em SP, segunda parte, p. 87. Os três pontos entre colchetes indicam supressão de um trecho relativamente longo.

⁴⁷ *Id.*, 2º, 87. *Sermões e práticas*, segunda parte, 1733, p. 87.

⁴⁸ Chamava-o – em SP, segunda parte, p. 427.

⁴⁹ *Id.*, 2º, 427. *Sermões e práticas*, segunda parte, 1733, p. 427.

⁵⁰ *S. e p.*, 202. *Sermões e práticas*, primeira parte, 1711, p. 202. Não há trecho em itálico no texto-fonte.

⁵¹ Os quais entretanto – em SP, primeira parte, p. 187. Em RABL, a página foi equivocadamente grafada “871”. Este trecho começa na p. 187 e termina na p. 188.

⁵² imundícias, homens, e demônios com o Anticristo, e Lúcifer, alargará o inferno a garganta, – em SP, primeira parte, p. 187.

⁵³ *Id.*, 871, j. universal. – em RABL. *Sermões e práticas*, primeira parte, Prática do Juízo Universal na primeira domingo do Advento, 1711, p. 187-188.

⁵⁴ *Prát. do Dom.*, 3º dep. da Petencostes, 53. – em RABL. *Sermões e práticas*, primeira parte, Prática da Domingo Terceira depois do Pentecostes, 1711, p. 53.

⁵⁵ [...] me recolhia para a minha pobre casa (onde Deus me é boa testemunha de como as noites dormia)[.] – MM, p. 7.

⁵⁶ *Men. e moça*, 1ª, p. 11. *Menina e moça*, parte primeira, p. 11. Na edição que consultamos (1785), o trecho se encontra no livro primeiro, cap. II., p. 7. Nessa edição, a obra *Menina e moça* vem dividida em “livro primeiro” (do capítulo I até o capítulo XXXI) e “livro segundo” (do capítulo I até o capítulo LVIII). Na

AMADOR ARRAIS.

– Entre luz e fusco – *Diál.*, III, p. 164.⁵⁷

– *Bom barato* – Não podem sofrer mais tratamentos,⁵⁸ nem soberbos impérios, e fazem bom barato da vida. – *Id.*, IV – XII – 264.⁵⁹

– ... Nenhuma (cousa) há tão bem guisada e apetitosa, que a reflexão a não faça desabrida e fastiosa.⁶⁰ – *Id.*, p. 51.⁶¹

– Este tal mantimento faz os homens enxutos, rijos, de gentil aspeto⁶² – *Id.*, p. 51.⁶³

– Charlataria. *Id.*, p. 52.⁶⁴

– Que são golpeados, cramos, recramos, abanos, marquesotas e luvas perfumadas, senão, etc. – *Id.*, X – p. 739.⁶⁵

– Pregar reposteiros com armas não suas, vemos cada hora sem alguma vergonha, e tomar cognome⁶⁶ de nobres os que foram seus criados. – *Id.*, *id.*, cap. XVII, p. 651.⁶⁷

edição de Teófilo Braga, de que consultamos um exemplar da coleção “Biblioteca Lusitana” (quinta edição, sem data), a obra é dividida em “parte primeira” (do capítulo I até o capítulo LI) e “parte segunda” (do capítulo I ao capítulo XXXIX). É pertinente a esta questão a nota que Teófilo Braga pôs ao final do capítulo XXXI (da primeira parte), que transcrevemos: “Em todas as edições de Ferrara de 1554, de Évora de 1557, Colônia 1559, e nos Manuscritos da *Menina e moça* da Biblioteca de Madrid, e do Arcediago de Barroso, termina a Primeira Parte do Livro das Saudades no cap. XXXI, ficando interrompida a narrativa. / Na parte II, *trasladada do seu próprio original*, como declara o editor eborense, aparece um caderno com os cap. XXXII a L, contendo o desenvolvimento e desenlace dos amores de Binnarder e Aônia.” (s.d., p. 83)

⁵⁷ *Diál.* III, p. 164 – em RABL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo III, capítulo XVI, p. 164. Esta expressão rendeu a Machado de Assis o título do capítulo LI – “Entre luz e fusco” – de *Dom Casmurro*. (Cf. ASSIS, 1969, p. 136)

⁵⁸ maus tratamentos, – em DIAL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, Diálogo IV (ou IIII), capítulo XII, p. 264.

⁵⁹ *Id.*, IV – XII – 264. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo IV, capítulo XII, p. 264.

⁶⁰ [O jejum põe sal aos manjares, com fome] nenhuma cousa se come que não seja saborosa, e nenhuma há tão bem guisada, e apetitosa, que a repleção a não faça desabrida, e fastiosa. – em DIAL, p. 51.

⁶¹ *Id.*, p. 51. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo I, capítulo XX, p. 51.

⁶² aspecto – em DIAL, p. 51.

⁶³ *Id.* p. 51. – RABL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo I, capítulo XX, p. 51.

⁶⁴ *Id.* p. 52. – em RABL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo I, capítulo XXII, p. 56. Se estiver correta a nossa presunção de que Machado de Assis leu a edição de 1846, há aqui um erro na página indicada (p. 52 no lugar de p. 56).

⁶⁵ *Id.*, X – p. 739. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo X, capítulo XLIX (ou XXXIX), p. 739. Algumas das palavras desse trecho não constam no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* nem na maioria dos dicionários; entretanto, elas se encontram registradas no *Grande dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Morais Silva, 1949-1959, 10ª edição em 12 volumes.

⁶⁶ cognomes – em DIAL, p. 651.

⁶⁷ *Id.*, *id.*, cap. XVII, p. 651. – em RABL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo X, cap. XVII, p. 651.

– ... termas, hipocáusios,⁶⁸ untórios, batistérios, celas frigidárias, tepidárias, caldárias e outros banhos. – *Id.*, Diál. II, c. X, p. 43.⁶⁹

– homem, que é um mundo abreviado – *Id.* Diál. III, p. 214.⁷⁰

– Terra de Filistins⁷¹ – *Id.*, VII, p. 416.⁷²

D. FRANCISCO MANUEL.

– É defeito que compreende não só as grandes senhoras... – *Carta de guia de casados*, 30.⁷³

– feita ao descuido – *Id.*, Pról.⁷⁴

– O Velho –, espelho de graça e cortesia.⁷⁵ – *Id.*, 75.⁷⁶

JOÃO DE BARROS.

– *A grande pressa* – E tanto que rompeu a manhã, que o vento deu lugar, a grande pressa se recolheu. – *Déc.* III, VII, IX.⁷⁷

⁶⁸ hipocaustos, – em DIAL, p. 87.

⁶⁹ *Id.* Diál. II, c. x, p. 43. – em RABL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo II, capítulo X, p. 87. Em DIAL, ao lado do trecho citado, há uma referência de natureza bibliográfica, 43-3 (indicações relativas ao manuscrito – fólio 43, coluna 3), que pode explicar o erro da página nas “Notas de leitura”.

⁷⁰ *Id.* Diál. III, p. 214. – em RABL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo III, capítulo XXX, p. 210. Se é correta a nossa presunção de que Machado de Assis leu os *Diálogos* na edição de 1846, houve erro no registro do número da página; esta passagem pertence, de fato, ao “Diálogo terceiro”, mas vem à p. 210. A ideia do homem como “mundo abreviado” aparece, por exemplo, no soneto “Mundo interior”, de Machado de Assis (composição que vem em “Ocidentais”). Péricles Eugênio da Silva Ramos (1964, p. 65) observa, em nota a este soneto: “Cuida a poesia da oposição entre o macrocosmo e o microcosmo.” Em outras palavras, o “mundo abreviado” corresponde ao “microcosmo”.

⁷¹ terra de Filistim – em DIAL, p. 446.

⁷² *Id.* VII, p. 416. – em RABL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo VII, cap. VI, p. 446. No exemplar que consultamos, o segundo algarismo da página (4) está mal impresso – lê-se facilmente “416” no lugar de “446”.

⁷³ *Carta de guia de casados*, 30. *Carta de guia de casados*, 1873, capítulo VII, p. 81.

⁷⁴ *Id.* pról. – em RABL. O registro “Pról.”, na verdade, refere-se a um dos textos prologais, a “[Carta] A dom Francisco de Melo”, primo de dom Francisco Manuel de Melo. Esta carta, na edição de 1873, vem às páginas 57-58.

⁷⁵ No texto da *Carta de guia de casados*, não aparece a palavra “velho”: “Galantemente o advertiu o nosso Sá nos seus Vilhalpandos, espelho de graça, e cortesia.” – em CGC, p. 126-127. Pelo que entendemos, a expressão “espelho de graça, e cortesia” se refere à comédia *Vilhalpandos*, de Sá de Miranda. Teria Machado de Assis registrado o título da obra – *Vilhalpandos* – de forma abreviada (afinal, tratava-se apenas de uma anotação), que foi entendida, pelo compositor, na tipografia, como “O Velho”?

⁷⁶ *Id.* 75. – em RABL. *Carta de guia de casados*, 1873, capítulo XXV, p. 126-127.

⁷⁷ *Déc.*, III, VII, IX. – em RABL. Entenda-se: *Década terceira*, livro sétimo, capítulo IX. O trecho transcrito, em DECIII, vem no verso do fól. 193.

– *Enverdecer* – E a causa é porque enverdece com a água salgada – *Id.* III, III, VII.⁷⁸

– ... porque os amigos que se viam de tarde em tarde, com mais amor se trataram, que quando se vizinham; e isto cansava o coração do homem, por ser como as ondas do mar, que batiam naquele recife de pedras que ali estava, o qual mar pela vizinhança que tinha com ele, e lhe impedir estender-se pela terra à sua vontade, quebrava tão fortemente no vizinho que de bravo e soberbo levantava suas ondas té o céu, e com esta fúria fazia dois danos, um a si mesmo assanhando-se, o outro ao vizinho em o ferir.⁷⁹ – I – 3 – 2.⁸⁰

– ... indignando tanto esta maneira de falar a alguns fidalgos, que ajustando este aborrecimento de sua soltura com a mágoa que viam ter a El-Rei de perder aquela empresa (a descoberta da América), ofereceram-se deles que o queriam matar e com isto se evitaria ir este homem a Castela (Colombo).⁸¹ – I – 3 – 11.⁸²

– ... o incitaram com uma virtuosa inveja. – I – 7^o – 2^o.⁸³

– ... a Fortuna (porque ela poucas vezes leva alguém ao sumo estado, senão por meio de algum crime cometido).⁸⁴ – 2 – 5 – 2.⁸⁵

– ... homens (jaus) mui atrevidos em cometer e animosos em esperar⁸⁶ – 2 – 9 – 2.⁸⁷

⁷⁸ *Id.* III, III, VII. – em RABL. *Década terceira*, livro terceiro, capítulo VII. O trecho transcrito, em DECI, vem no verso do fól. 69.

⁷⁹ [...] porque os amigos que se viam de tarde em tarde, com mais amor se tratavam, que quando se vizinham; e isto causava o coração do homem, por ser como as ondas do mar, que batiam naquele recife de pedras que ali estava, o qual mar pela vizinhança que tinha com ele, e lhe impedir estender-se pela terra à sua vontade, quebrava tão fortemente no vizinho que de bravo e soberbo levantava suas ondas té o céu, e com esta fúria fazia dois danos, um a si mesmo assanhando-se, e outro ao vizinho em o ferir. – em DECI. Em DECI, suspeitamos de erro tipográfico em “causava” (cansava?).

⁸⁰ 1 – 3 – 2. – em RABL. *Década primeira*, livro terceiro, capítulo II. Em DECI, o trecho transcrito vem ao final do verso do fól. 37 e no início do fól. 38.

⁸¹ [...] indignou tanto esta maneira de falar a alguns fidalgos, que ajustando este avorrecimento de sua soltura, com a mágoa que viam ter a el-Rei de perder aquela empresa, ofereceram-se deles que o queriam matar, e com isto se evitaria ir este homem a Castela. – em DECI. Em RABL, no início desta nota não há o travessão (que adotamos, para uniformização).

⁸² 1 – 3 – 11. – em RABL. *Década primeira*, livro terceiro, capítulo XI. Em DECI, a passagem transcrita vem no fól. 56.

⁸³ 1 – 7^o – 2^o. – em RABL. *Década primeira*, livro sétimo, capítulo II. Em DECI, a passagem transcrita vem no fól. 129.

⁸⁴ [...] a fortuna o chamava, (porque ela poucas vezes leva alguém a sumo estado, senão per meio de algum crime cometido) – em DECI.

⁸⁵ 2 – 5 – 2. – em RABL. *Década segunda*, livro quinto, capítulo II. Em DECI, a passagem transcrita vem no verso do fól. 101.

⁸⁶ [Porque além de Lacsamaná trazer consigo muita gente, a maior parte dela Jaus] homens mui atrevidos em cometer e animosos em esperar – em DECI. A passagem transcrita vem no verso do fól. 203 (há dois fólícos com o número 203; porém, o primeiro deles corresponde ao fól. 202).

⁸⁷ 2 – 9 – 2. – em RABL. *Década segunda*, livro nono, capítulo II.

– ... assim o achou cauteloso, que disse por ele aquele dito português, que se diz pelos homens maliciosos: “Eu te entendo,⁸⁸ que me entendes, que te entendo que me enganas.” – 2 – 8 – 5.⁸⁹

– ... parecendo-lhe que como esta ilha está mais no meio do mar *quase enfiada* com as portas do estreito. – 2 – 8 – 2.⁹⁰

– ... vão se metendo nele... uma plebe de riachos de pouca água...⁹¹ – 2 – 5 – 1.⁹²

– A qual (cidade) posto que era mui larga e chã por ser de areia e abafada de⁹³ palmares e valos. – 2 – 4 – 1.⁹⁴

– E lá dentro esses dois esteiros se comunicam ambos e fazem jornadas pela terra.⁹⁵ – 2 – 5 – 1.⁹⁶

– ... mandou el-rei pedir ao viso-rei, que quando partisse das naus não viesse de frecha a este lugar, mas diretamente⁹⁷ às suas casas. – 1 – 9 – 4.⁹⁸ (Ver Diogo do Couto, 10-3-16).⁹⁹

– ... assim não há cousa mais prejudicial ao vassalo, que o mau costume ou defeito do senhor; porque este tanto mais asinha se aprende que o bem, quanto os homens são mais inclinados ao mal, e finalmente sempre se viu assim como as ondas do mar seguem o vento assim o povo seguir as manhas do príncipe. – D. João III-9.¹⁰⁰

⁸⁸ endendo, – em RABL. Em DECII vem “entendo”, e o dito português não vem entre aspas (o trecho vem no verso do fól. 196).

⁸⁹ 2 – 8 – 5. – em RABL. *Década segunda*, livro oitavo, capítulo V. A passagem transcrita vem no verso do fól. 196.

⁹⁰ 2 – 8 – 2. – em RABL. *Década segunda*, livro oitavo, capítulo II. A passagem transcrita vem no verso do fól. 191. Em DECII não há trecho em itálico. Raimundo Magalhães Júnior (1958) não transcreveu esta nota.

⁹¹ [...] não se metendo nele [no rio Mondego] senão uma plebe de riachos de pouca água – em DECII. O trecho transcrito vem no verso do fól. 98. Em DECII há dois fólíolos com o número 97 – um antes do fól. 98 e um depois dele; este segundo fólíolo está com a numeração equivocada – ele é o fól. 99.

⁹² 2 – 5 – 1. – em RABL. *Década segunda*, livro quinto, capítulo I.

⁹³ dos – em DECII. A passagem transcrita vem no verso do fól. 80. A cidade, que Machado menciona entre parênteses, é Calecute (atual Calcutá).

⁹⁴ 2 – 4 – 1. – em RABL. *Década segunda*, livro quarto, capítulo I.

⁹⁵ E lá dentro estes dous esteiros se comunicam ambos, e fazem pernas pela terra – em DECII. O trecho transcrito vem no fól. 97.

⁹⁶ 2 – 5 – 1. – em RABL. *Década segunda*, livro quinto, capítulo I.

⁹⁷ diretamente – em DECI; directamente – em RABL. A passagem transcrita vem no fól. 184.

⁹⁸ 1 – 9 – 4. – em RABL. *Década primeira*, livro nono, capítulo III (ou IV).

⁹⁹ Diogo do Couto, 10-3-16 – Entenda-se: Diogo do Couto, *Década décima*, livro terceiro, capítulo XVI. Machado de Assis, muito provavelmente, remete a este capítulo do livro terceiro da *Década décima* de Diogo do Couto, porque nela se pode ler a expressão “irá tomar *de frecha* um dos portos” (1788, p. 379, itálico nosso): “Quem partir do porto de Selero [...] e caminhar com o vento hipalo, que é o Ponente, e for governando a Levante, irá tomar de frecha um dos portos de Canará, de Batecalá pera Barçolor.”

¹⁰⁰ D. João III-9. Entenda-se: *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 9 (em PAN). Muito provavelmente, foi esta (PAN) a edição consultada por Machado de Assis; ela existe no Real Gabinete Português de Leitura, e as páginas dos trechos transcritos por ele coincidem com as desta edição. Nesta edição, o título deste Panegírico vem assim: “Ao muito alto, / e muito poderoso / Rei de Portugal / D. JOÃO III. / deste nome / Panegírico / de / João de Barros / Ano de 1533.” (p. 1)

– Não há guerra tão próspera, nem tão vitoriosa, em que se viva com tanto descanso como no tempo de paz.¹⁰¹ – *Id.*, 911 – 34.¹⁰²

– ... Começou a Índia a fazer o seu ofício, (como já dissemos) que recebe aos que a vão governar com alegre rosto, e quando os despede de si é com toda las injúrias que lhes pode fazer.¹⁰³ – *Déc. III* – VI, IX.¹⁰⁴

–... aqueles dois homens, que para este efeito eram grandes amigos, e para tudo mais comiam-se um ao outro.¹⁰⁵ – *Id. III* – VII, IV.¹⁰⁶

– principalmente naquela (fortaleza) de Chaul ainda por acabar, tão¹⁰⁷ requestada dos mouros... – *Id. III*, VII, Cap. I.¹⁰⁸

– ... solto na língua e atado nas mãos. – *Id. III*, X, X.¹⁰⁹

– ou demos por desculpa ao autor da obra... que estavam os números errados por culpa do impressor, que é mui bom valhacouto aos que compõem alguma cousa.¹¹⁰ – *Id. III*, V, X.¹¹¹

– ... não convém olhar sempre as cousas presentes, mas a revolução que elas têm do pretérito para o futuro, porque o seu curso natural é um bem responder a outro, e um

¹⁰¹ da paz. – em PAN.

¹⁰² *Id.*, 911 – 34. Entenda-se: *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 34. O registro “911”, não o conseguimos entender; talvez seja “III” (d. João III?).

¹⁰³ [...] começou a Índia fazer seu ofício (como já dissemos) que recebe aos que a vão governar, com alegre rosto, e quando os despede de si, é com todas as injúrias que lhe pode fazer. – em DECIII. A passagem transcrita vem no fól. 168.

¹⁰⁴ *Déc. III-VI, IX.* – em RABL. *Década terceira*, livro sexto, capítulo IX.

¹⁰⁵ [...] àqueles dois homens, que para este efeito eram grandes amigos, e para tudo mais comiam-se um ao outro. – em DECIII. A passagem transcrita vem no fól. 181. A preposição “pera”, que Antônio Houaiss dá como forma diacrônica antiga, não consta no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (versão on-line – cf. <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>).

¹⁰⁶ *Id.*, III – VII, IV. – em RABL. *Década terceira*, livro sétimo, capítulo IV (ou IIII).

¹⁰⁷ e tão – em DECIII. A passagem transcrita vem no fól. 172. A palavra entre parênteses foi inserida por Machado de Assis, para clareza da passagem.

¹⁰⁸ *Id. III*, VII, Cap. I. – em RABL. *Década terceira*, livro sétimo, capítulo I.

¹⁰⁹ *Id. III*, X, X. – em RABL. *Década terceira*, livro décimo, capítulo X. Em DECIII, a passagem transcrita vem no fól. 262.

¹¹⁰ ou demos por desculpa ao autor da obra[a que tomava Andrés de San Martín nas suas equações,] que estavam os números errados por culpa do impressor: que é mui bom valhacouto, aos que compõem alguma cousa. – em DECIII. A passagem transcrita vem no verso do fól. 147. Esta ideia não era estranha a Machado de Assis. Numa de suas crônicas, da série “A semana”, escreveu ele: “Escrevo por extenso todas as quantias, não só por evitar enganos de impressão, fáceis de dar com algarismos, mas ainda para não assustar logo à primeira vista, se os números saírem certos. Pode acontecer também, que tais números, sendo grandes, gerem incredulidade, e nada mais duro que escrever para incrédulos.” (*Machadiana Eletrônica*, v. 1, n. 2, p. 215-218, jul.-dez. 2018)

¹¹¹ *Id. III*, V, X. – em RABL. *Década terceira*, livro quinto, capítulo X.

mal a outro mal... E como a história é um espartador do entendimento, etc.¹¹² – *Id. III*, pról.¹¹³

– ... de maneira que mais se parecem nossas cousas presentes com as nossas passadas, que com as estranhas e remotas da pátria. – *Id. III*, pról.¹¹⁴

– ... que se traz quase em provérbio: “Italianos se governam pelo passado, espanhóis pelo presente, e os franceses pelo que está por vir.” Aqui, se lícito fora, se pudera dar uma repreensão de pena à nossa Espanha... – *Id. III*, pról.¹¹⁵

– E têm eles per si... (...*que matam o rei quando anda mal*) que este seu costume (o qual aprovam por mui bom) que Deus o ordenou, dizendo que tão grande cousa como é um rei que governa na terra o lugar de Deus, não ousaria alguém de o matar, se Deus o não permitisse.¹¹⁶ – *Id. III*, V, I.¹¹⁷

– Não faça o príncipe alguma cousa duvidando se é mal ou bem, porquanto a verdade onde quer que está, ela se mostra e dá lume de si, e pelo contrário o duvidar é sinal que se não faz o que é razão. – João III – 79.¹¹⁸

– Reinado é ofício de muita vigia e trabalho, nem deve nunca o bom rei estar ocioso,¹¹⁹ mas assim como o sol por dar claridade ao mundo nunca está quieto, assim o príncipe por fazer justiça ao povo sempre deve ser ocupado. – Paneg. D. João III (7).¹²⁰

¹¹² [...] não convém olhar sempre as cousas presentes, mas a revolução que elas têm, do pretérito, pera o futuro. Porque o seu curso natural, é um bem responder ao outro: e um mal ao outro mal[, por estarem as cousas futuras sujeitas a terem as vezes que já tiveram, quase como um curso circular.] E como a história é um espartador do entendimento, [...]. – em DECIII. A passagem transcrita vem no verso do primeiro fólio (não numerado) do prólogo.

¹¹³ *Id. III*, pról. – em RABL. *Década terceira*, prólogo.

¹¹⁴ *Id. III*, pról. – em RABL. *Década terceira*, prólogo. A passagem transcrita vem no segundo fólio (não numerado) do prólogo.

¹¹⁵ *Id. III*, pról. – em RABL. Em DECIII (no verso do primeiro fólio – não numerado – do prólogo), o trecho transcrito entre aspas não as traz. Raimundo Magalhães Júnior observa (em nota) que Machado de Assis usou esta citação numa das crônicas de “A semana” (a de 14 de maio de 1893 – cf. ASSIS, 1996, p. 240) e que a passagem está dicionarizada em sua obra *Ideias e imagens de Machado de Assis* (1956, p. 157-158), sob o título de “Passado, presente e futuro”.

¹¹⁶ E têm eles pera si que este seu costume (o qual aprovam por mui bom) que Deus o ordenou, dizendo que tão grande cousa como é um Rei, que governa na terra em lugar de Deus, não ousaria alguém de o matar, se Deus o não permitisse, – em DECIII. A passagem transcrita vem no fól. 115. A frase que antecede à anotada revela-nos o “costume” (anotado de forma abreviada, entre parênteses, por Machado de Assis) de que fala João de Barros: “De maneira que quando Fernão Peres d’Andrade foi à China, e esteve ali em Pacém fazendo carga de especiaria: mataram dous Reis, e não se fez mais conta disso, nem houve mais rebuliço e alvoroço na cidade, como se não fora morto um Rei, que os governava, e levantado outro que elegiam pera os governar.”

¹¹⁷ *Id. III*, V, I. – em RABL. *Década terceira*, livro quinto, capítulo I.

¹¹⁸ João III – 79. *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 79.

¹¹⁹ ocioso, – em PAN. A passagem transcrita vem à p. 7.

¹²⁰ Paneg. D. João III (7). *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 7.

– E como os homens pela maior parte são mais prontos em dar de si frutos voluntários, que os encomendados, imitando nisto a terra sua madre, a qual é mais viva em dar as sementes que nela jazem por natureza, que as que lhe encomendam por agricultura.¹²¹ – *Déc.*, Prólogo.¹²²

– Mestre áspero, e pouco fiel da gente é o arreceio das leis, melhor aprendem os vassallos *dos* bons costumes, e virtuosa atenção de seu príncipe. – Paneg. D. João III, p. 121.¹²³

– Costume dos que compõem Panegíricos louvarem neles a boa presença, e pessoa do príncipe, por isso desejando eu fazer o mesmo,... por duas cousas o deixo de fazer, a primeira porque a dignidade da língua portuguesa sofre mal esta maneira de louvor, etc.¹²⁴ – *Id.*, 195.¹²⁵

– E como os ventos são o espírito exterior do mar. – *Déc.* III, IV, VII.¹²⁶

– Nem as águas parece que carecem deste sentido (a harmonia, música) nos rumores, e roucos estrépitos, que por entre os seixos e pedras dos rios vão fazendo, que a nossos sentidos causam deleitação e saudade.¹²⁷ – *Paneg.*, 253.¹²⁸

– A menencoria¹²⁹ muitas vezes vence os sabedores, e os olhos d’alma escurecidos como quem peleja às escuras não sabem fazer diferença dos amigos a quem lhes quer mal. – João III, 185.¹³⁰

¹²¹ que nela jazem per natureza, que as que lhe encomendamos per agricultura: – em DECI. A passagem transcrita vem, em DECI, no verso do segundo fólio do prólogo.

¹²² *Déc.*, Prólogo. – em RABL. *Década primeira*, prólogo.

¹²³ Paneg. D. João III, p. 121. *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 121. O itálico em “*dos*” não ocorre em PAN, vem apenas em RABL.

¹²⁴ Costume é dos que compõem Panegíricos louvarem neles a boa presença, e pessoa do Príncipe, por isso desejando eu fazer o mesmo, [mormente, sendo estas partes em V. Alteza tão dignas da Majestade Real,] por duas causas o leixo de fazer, a primeira porque a dignidade da língua Portuguesa sofre mal esta maneira de louvor, [...]. – em PAN, p. 195.

¹²⁵ *Id.* 195 – em RABL. *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 195.

¹²⁶ *Déc.* III, IV, VII. – em RABL. *Década terceira*, livro quarto, capítulo VII. Em DECIII, a passagem transcrita vem no verso do fólio 102.

¹²⁷ Nem as águas parece, que carecem deste sentido nos rumores, e roucos estrupidos, que por entre os seixos, e pedras dos rios vão fazendo, que a nossos sentidos causam deleitação, e saudade. – em PAN, p. 253. As palavras postas entre parênteses por Machado de Assis resumem o tema do trecho transcrito – a harmonia, a música nos sons da natureza. Na continuação do trecho, diz ainda João de Barros: “E assim mesmo nos ventos temperados do Verão com os zunidos, que fazem, movendo as folhas das árvores também se acha uma certa semelhança da música. Donde nasceu (a meu juízo) fingirem os Poetas, que Orfeu levava consigo os homens, e brutos animais, com as árvores, e rios, dando a entender, quão geral é a força da música, que em todas estas cousas tem jurisdição.”

¹²⁸ Paneg. 253. – em RABL. *Panegíricos*, Panegírico do mesmo autor [João de Barros] à Senhora Princesa, Infanta D. Maria, p. 253.

¹²⁹ merencoria – em PAN, p. 185.

¹³⁰ João III, 185. *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 185.

– Quem isto tudo bem visse, creio eu que escolhesse antes a paz que a guerra, e que tomasse antes por partido viver em descansada e segura paz debaixo de obediência de um príncipe justo... Não se devem julgar as cousas pelo apetite, senão pela razão.¹³¹ – *Id.*, 32.¹³²

– (*Retrato de Afonso de Albuquerque*). Era homem de compassada estatura, rosto alegre, e gracioso; ao tempo que se indignava, tinha um acatamento triste; trazia sempre a barba mais comprida, depois que começou a mandar gente; e como era alva, dava-lhe grande veneração. Era homem de muitas graças e motes, e em algumas menencorias leves no tempo de mandar soltava muitas que davam prazer a quem estava de fora; falava e escrevia muito bem ajudado de algumas letras latinas que tinha. Era sagaz e manhoso em seus negócios, e sabia enfiar as cousas a seu propósito: trazia grandes anexins de ditos para comprazer à gente, segundo os tempos, e qualidade da pessoa de cada um. Era mui fragueiro e rixoso, se o não comprazia qualquer cousa; cansava muito os homens no que lhes mandava fazer, por ter um espírito apressado; foi de muita esmola, e devoto; no enterrar dos mortos ele era o primeiro. Nas execuções foi um pouco apressado, e não mui piedoso, fazia-se temer muito aos mouros, e tinha grandes cautelas para deles levar o melhor.¹³³ – *Déc.* 2 – 10 – 8.¹³⁴

¹³¹ Quem isto tudo bem, visse bem creio eu, que escolhesse antes a paz, que a guerra, e que, tomasse antes por partido viver em descansada, e segura paz debaixo da obediência de um Príncipe justo[, que não quer arriscar-se a tamanhos perigos por uma mostra falsa, e engano d’olhos, e esperança incerta de vitória;] não se devem julgar as cousas pelo apetite, senão pela razão. – em PAN, p. 32.

¹³² *Id.* 32. – em RABL. *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 32.

¹³³ era homem de compassada estatura, rostro alegre e gracioso, ao tempo que se indignava, tinha um acatamento triste, trazia sempre a barba mui comprida depois que começou mandar gente, e como era alva, dava-lhe grande veneração. Era homem de muitas graças e motes, e em algumas manencorias leves no tempo do mandar soltava muitos, que davam prazer a quem estava de fora: falava e escrevia muito bem ajudado de algumas letras Latinas que tinha. Era sagaz, e manhoso em seus negócios, e sabia enfiar as cousas a seu propósito: trazia grandes anexis de ditos, pera comprazer à gente, segundo os tempos, e qualidade da pessoa de cada um. Era mui fragueiro e rixoso, se o não comprazia qualquer cousa: causava muito os homens no que lhe mandava fazer, por ter um espírito apressado: foi de muita esmola, e devoto, no enterrar dos mortos, ele era o primeiro. Nas execuções foi um pouco apressado, e não mui piedoso, fazia-se temer muito aos Mouros: e tinha grandes cautelas, pera deles levar o melhor. – em DECII. A passagem transcrita vem no final do fól. 238 e continua no verso do mesmo fólio. Machado de Assis deu por lema a este texto a expressão, em itálico e entre parênteses: “(*Retrato de Afonso de Albuquerque*)”. A palavra “manencoria[s]” (que em RABL vem grafada “menencorias”) não está registrada no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, nem aparece nos dicionários correntes. Entretanto, o *Grande dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva, na 10ª edição, traz a palavra, que registra como substantivo feminino antigo, significando “o mesmo que *melancolia*”. A palavra “anexis” (que vem grafada “anexijs” em DECII), que, obviamente corresponde a “anexins”, tem origem no árabe – o que, talvez, explique a ausência de nasalização da sílaba final. A palavra “causava”, que na transcrição de Machado de Assis vem grafada “cansava”, parece mesmo um erro tipográfico – o contexto sugere muito fortemente o sentido de “cansava”.

¹³⁴ *Déc.* 2 – 10 – 8. – em RABL. *Década segunda*, livro décimo, capítulo VIII.

– Cá uns em alvissaras, outros em festas, que cada um faz como pode, gastam muitas vezes em um dia o que ganham em muitos. Alguns em vez de rir choram com prazer, e de muitos lemos a que sobejo¹³⁵ causou morte súbita, não podendo com a força dele sustentar a vida. – D. Maria, 200.¹³⁶

– Fazenda é a sabedoria isenta da jurisdição¹³⁷ da fortuna. – *Id.*, 225.¹³⁸

– Quis falar muito de tão singular rei (D. Afonso), porque sua vida e costumes parece que confirmam o nosso provérbio que diz: As letras não despontaram a lança. E certo não sei que ... mais amolados possam ser, que armas guiadas por conselho de prudente capitão.¹³⁹ – *Id.*, 238.¹⁴⁰

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição (os asteriscos indicam edições muito provavelmente consultadas por Machado de Assis).

CGC – *Carta de guia de casados*, 1873.

DECI – *Década primeira da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DECII – *Década segunda da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DECIII – *Década terceira da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DIAL – *Diálogos*, de dom Frei Amador Arrais, 1846.*

EP – *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730.*
fól. – fólido.

LC – *Luz e calor*, 1871.

MM – *Menina e moça*, 1875.

MQN – *Meditações sobre os quatro Novíssimos*, 1726.

PAN – *Panegíricos*, de João de Barros, 1791.*

PPP – *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus*, tomo II, 1737.

SP – *Sermões e práticas*, primeira parte, 1711, e segunda parte, 1733.*

TVC – *Tratado da virtude da castidade*, 1737.

UF – *Os últimos fins do homem*, 1761.*

¹³⁵ a que o sobejo, – em PAN, p. 200.

¹³⁶ D. Maria, 200. *Panegíricos*, Panegírico do mesmo autor [João de Barros] à Senhora Princesa, Infanta D. Maria, p. 200.

¹³⁷ A palavra “jurisdição” não está registrada no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, nem aparece em muitos dicionários; porém, ela consta do *Aulete Digital. O Grande dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva, na 10ª edição, também traz a palavra, que registra como substantivo feminino popular, significando “o mesmo que *jurisdição*”.

¹³⁸ *Id.* 225. – em RABL. *Panegíricos*, Panegírico do mesmo autor [João de Barros] à Senhora Princesa, Infanta D. Maria, p. 225.

¹³⁹ Quis falar muito de tão singular Rei, porque sua vida, e costumes, parece que confirmam o nosso provérbio, que diz: As letras não despontaram a lança. E certo não sei que [fains] mais amolados possam ser, que armas guiadas por conselho de prudente Capitão? – A passagem transcrita vem em PAN, p. 238.

¹⁴⁰ *Id.* 238 – em RABL. *Panegíricos*, Panegírico do mesmo autor [João de Barros] à Senhora Princesa, Infanta D. Maria, p. 238.

Referências

ALENCAR, Mário. Lexicografia: notas de leitura de Machado de Assis. *Revista da academia brasileira de letras*. Rio de Janeiro, ano I, n. I, p. 137-145. Jul. 1910.

ARRAIS, Dom Frei Amador. *Diálogos*. Revistos, e acrescentado pelo mesmo autor na segunda impressão. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1846.

ASSIS, Machado de. *Outras relíquias* (prosa e verso). Coleção póstuma. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.

ASSIS, Machado de. *A semana: crônicas* (1892-1893). Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. A semana – 118. Apresentação, edição e notas por John Gledson. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, p. 215-218, jul.-dez. 2018.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

BARROS, João de. *Década primeira da Ásia*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1628.

BARROS, João de. *Década segunda da Ásia*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1628.

BARROS, João de. *Década terceira da Ásia*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1628.

BARROS, João de. *Panegíricos*. Fielmente reimpressos conforme a sua antiga Linguagem – ano 1533 por Joaquim Francisco Monteiro de Campos Coelho, e Soisa. Lisboa: Oficina de Antônio Gomes, 1791.

BERNARDES, P. Manuel. *Sermões e práticas*. Primeira parte. Lisboa: Oficina Real Deslandesiana, 1711.

BERNARDES, P. Manuel. Meditações sobre os quatro Novíssimos. Morte, Juízo, Inferno e Paraíso. In: *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus*. [e outros tratados]. Primeiro tomo. Lisboa Ocidental: Oficina de Miguel Rodrigues, 1726, tomo I, p. 138-219.

BERNARDES, P. Manuel. *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*. Lisboa Ocidental: Oficina de Antônio Pedroso Galvão, 1730.

BERNARDES, P. Manuel. *Sermões e práticas*. Segunda parte. Lisboa Ocidental: Oficina da Congregação do Oratório, 1733.

BERNARDES, P. Manuel. *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus* [e outros tratados]. Lisboa Ocidental: Oficina da Congregação do Oratório, 1737. [Vários tratados compostos pelo Padre Manuel Bernardes, tomo II.]

BERNARDES, P. Manuel. As armas da castidade [Tratado da virtude da castidade]. In: *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus* [e outros tratados]. Lisboa Ocidental: Oficina da Congregação do Oratório, 1737, p. 283-597. [Vários tratados compostos pelo Padre Manuel Bernardes, tomo II.]

BERNARDES, Padre Manuel. *Os últimos fins do homem*, salvação, e condenação eterna. Tratado espiritual, dividido em dous livros. Lisboa: Régia Oficina Silviana, e da Academia Real, 1761.

BERNARDES, P. Manuel. *Luz e calor*. Dividida em duas partes. Nova edição. Lisboa: Imprensa de J. G. de Sousa Neves, 1871.

COUTO, Diogo de. Década décima da história da Índia. Livro III. In: *Da Ásia de Diogo de Couto*. Dos feitos, que os portugueses fizeram na conquista, e descobrimento das terras, e mares do Oriente. DÉCADA DÉCIMA. Parte primeira. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica, 1788. p. 260-391.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Ideias e imagens de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Ao redor de Machado de Assis* (pesquisas e interpretações). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

MASSA, Jean-Michel. La bibliothèqe de Machado de Assis. *Revista do Livro*, Órgão do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, ano VI, n. 21-22, p. 195-238, mar.-jun. 1961.

[MELO], D. Francisco Manuel. *Carta de guia de casados*. Nova edição, com um prefácio biográfico enriquecido de documentos inéditos por Camilo Castelo Branco. Porto: Pereira da Silva, 1873.

PROENÇA FILHO, Domício. *Nova ortografia da língua portuguesa*: manual de consulta: vocábulos e locuções com grafia nova, palavras compostas hifenizadas, palavras formadas por prefixação e recomposição com e sem hífen. Colaboração de Rejane Maria Leal Godoy. Rio de Janeiro: Record, 2012.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. (Org.) *Machado de Assis: poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

RIBEIRO, Bernardim. *História de menina e moça*. Ferrara: [Abraão Usque], 1554.

RIBEIRO, Bernardim. *Menina e moça ou Saudades*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonçalves, 1785.

RIBEIRO, Bernardim. *Livro das saudades de Bernardim Ribeiro. História da menina e moça e declaração das saudades*. Texto segundo a edição de 1557 com um estudo sobre

Bernardim Ribeiro e a exegese da Menina e moça por Teófilo Braga. 5ª ed. Porto: Lello, s.d. [Coleção Lusitânia]

SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10ª edição revista, corrigida, muito aumentada e atualizada segundo as regras do acordo ortográfico luso-brasileiro de 10 de agosto de 1945 por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado. Lisboa: Confluência, 1949-1959. 12 v.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.
Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

Endereços eletrônicos

<https://www.realgabinete.com.br/#Biblioteca>

<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>

<http://www.aulete.com.br>